

AGROPECUÁRIA

O Estado do Paraná tem uma superfície de 199.324 km², representando 2,3% do Território Nacional. Localiza-se na região Sul do Brasil, da qual também fazem parte Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Cortado pelo Trópico de Capricórnio, o Paraná apresenta em sua porção norte características de clima tropical e, em sua porção sul, de clima subtropical.

A maior parte do território paranaense situa-se num planalto e não constitui obstáculo ou impedimento à ocupação agrícola. A boa fertilidade de grande parte de seus solos proporciona elevados índices de produtividade. Com exceção da região serrana – situada à leste, nas proximidades da costa –, praticamente todo território paranaense é mecanizável.

No tocante à cobertura vegetal, o Paraná chegou a ter 80% de sua superfície coberta por vegetação de matas, no entanto, em conseqüência de um modelo agroeconômico incentivador das monoculturas de exportação, nos últimos anos, não só as áreas de florestas foram drasticamente reduzidas, como também as de campos nativos.

Tabela 117
Utilização das Terras
Estado do Paraná
1995/96

Categorias	Área (ha)
Número de Estabelecimentos	369.875
Área em Estabelecimentos	15.946.632
Área Aberta	11.762.607
Área em Lavouras	5.100.509
Área em Pastagens Plantadas	5.299.828
Área em Matas Plantadas	713.126
Área em Descanso	390.272
Área Produtiva, mas não Usada	258.872
Área em Pastagens Naturais	1.377.484
Área em Matas Naturais	2.081.587
Área em terras Inaproveitáveis	724.954

Fonte: IBGE - Censo Agropecuário 1995/96.

Em 1996, a população residente no Estado era de 9.003.804 habitantes, com 77,9% localizados em áreas urbanas e 22,1% em áreas rurais. Os resultados dos últimos censos demográficos demonstram que o Paraná está se tornando cada vez mais urbanizado. Na verdade, este processo de urbanização não é provocado pelo crescimento dos demais setores econômicos, mas, em grande parte, pela liberação da mão-de-obra agrícola

que, embora indo morar nas cidades, constitui mão-de-obra sazonal para a agricultura.

No período de 1950 a 1970, o Paraná foi grande receptor líquido de migrantes. Entre 1970 e 1980, a situação se reverteu e o Paraná passou a ser expulsor líquido de migrantes, só deixando de sê-lo entre 1991 e 1995, e mesmo assim mantendo um potencial de recepção muito baixo.

No período recente (1985-1995), observa-se uma intensificação da tendência de redução da ocupação agrícola, associada a processos de concentração da propriedade, alteração da pauta de produtos agrícolas, introdução de inovações e aprofundamento da mecanização do processo produtivo.

Particularmente graves foram as conseqüências da grande geada de 1975, que provocou uma grande redução na área plantada com café e sua substituição por outras culturas, principalmente a soja. Em 1970, existiam 1.048.400 ha plantados com café no Paraná, em 1977, eram 619.101 ha e, em 1995, apenas 137.500 ha.²⁸ As culturas substitutas empregaram muito menos mão-de-obra que a cultura cafeeira e provocaram grande êxodo rural.

Em algumas regiões preponderantemente agrícolas, a diminuição da ocupação tem se transformado também em redução da população rural e da população total de seus municípios, os quais não têm como absorver a mão-de-obra liberada. Essa população tende a dirigir-se para grandes aglomerados urbanos – cujo exemplo maior é a região Metropolitana de Curitiba – criando, assim, importantes vazios sociais no campo e reduzindo as possibilidades de um desenvolvimento regional equilibrado, como mostra recente pesquisa do Ipardes (Libardi e Delgado, 1999).²⁹

As mesorregiões adotadas pelo Censo Agropecuário de 1995-1996, definidas como Norte-Central Paranaense (polarizada por Londrina/Maringá) e Oeste Paranaense (polarizada por Foz do Iguaçu), conservam-se como as áreas de maior atratividade do interior do Estado no período 1986-1996, porém

²⁸ Fonte: Iapar - Área de Socioeconomia.

²⁹ LIBARDI, Diócles e DELGADO, Paulo (1999) A Redução do Trabalho Agrícola no Paraná. *Revista Paranaense de Desenvolvimento*, Curitiba, Ipardes, n.95, jan./abr., p.51-59.

acompanhando as perdas absolutas generalizadas e perdas relativas gerais que revelam a concentração crescente na Região Metropolitana de Curitiba. Esta última é a única que apresenta trocas totais positivas e contingentes superiores, entre 1991-1996, aos do período anterior, 1986-1991. Esse processo contribui para a expansão para novos municípios da mancha de ocupação da Região Metropolitana, e até mesmo para o crescimento substancial da imigração para o Litoral (Kleine et al, 1999)³⁰.

No Censo Agropecuário de 1995-96, foram pesquisados 369.875 estabelecimentos agrícolas, que ocupavam uma área de 159.466 km², correspondente a 80% do território estadual. A estrutura agrária é formada, predominantemente, por pequenos e médios estabelecimentos, sendo que 92% destes possuíam menos de 100 ha, ocupando apenas 39% da área total. No outro extremo, 0,5% dos estabelecimentos ocupavam 20% da área total dos estabelecimentos agropecuários do Estado.

Tabela 118
Proporção do Número e da Área dos Estabelecimentos,
por Grupos de Área Total
Estado do Paraná
1995

Grupos de Área Total (ha)	Proporção do Número de Estabelecimentos	Proporção da Área dos Estabelecimentos
Menos de 10	41,8	5,0
10 a menos de 100	50,9	33,9
100 a menos de 1.000	6,9	41,1
1.000 a menos de 10.000	0,4	17,3
10.000 e mais	0,0	2,7
Total	100,0	100,0

Fonte: IBGE – Censo Agropecuário 1995/96.

Entre 1970 e 1995 houve significativo aumento na proporção do número de estabelecimentos explorados por proprietários (de 54,1%, em 1970, para 71,3%, em 1995), mas também da área dos estabelecimentos explorados por proprietários (de 59,0%, em 1970, para 61,8%, em 1995). Também aumentaram as unidades geridas por administradores, em proporção do número de estabelecimentos (de 3,2%, em 1970, para 5,7%, em 1995) e sua participação na área total, de 25,0% para 29,8% entre 1970 e 1995.

³⁰ KLEINE, M. de L. U. et alli (1999) Movimento Migratório no Paraná (1986-91 e 1991-96): origens distintas e destinos convergentes. *Revista Paranaense de Desenvolvimento*, Curitiba, Ipardes, n.95,jan./abr.,p.27-50.

Tabela 119

Proporção do Número e da Área dos Estabelecimentos, segundo a Condição do Responsável
Estado do Paraná

1995

Condição do Responsável	Proporção do Número de Estabelecimentos	Proporção da Área dos Estabelecimentos
Proprietário	71,3	61,8
Arrendatário	14,4	5,8
Ocupante	8,6	2,6
Administrador	5,7	29,8

Fonte: IBGE - Censo Agropecuário 1995/96.

Com uma agricultura bem desenvolvida e diversificada, em decorrência das condições favoráveis de clima e solo, o Paraná possui produtos de clima tropical e temperado, destacando-se o milho, a cana-de-açúcar, a soja, o trigo, o café, o algodão herbáceo, o feijão, o alho, a batata-inglês e o fumo.

Tabela 120

Produção, Área Colhida e Rendimento Médio das Principais Lavouras
Estado do Paraná

1995-1996

Lavouras	Produção (t)	Área Colhida (ha)	Rendimento (kg/ha)
Algodão	267.433	171.039	1.563
Arroz	142.068	80.864	1.756
Cana-de-açúcar	18.442.306	259.584	71.045
Feijão (1)	381.791	472.394	808
Fumo	53.128	38.160	1.392
Mandioca	1.437.760	110.958	12.957
Milho	6.597.905	1.985.382	3.323
Soja	6.046.293	2.259.401	2.676
Trigo	849.695	479.778	1.771
Café	109.470	103.935	1.053
Laranja (2)	1.003.714	18.781	53.443

Fonte: IBGE - Censo Agropecuário 1995/96.

(1) Todas as safras.

(2) Produção em 1000 frutos; rendimento em frutos/ha.

As culturas do milho, da soja e do arroz tiveram aumentos de rendimento, o que não aconteceu com as demais. Em termos de área colhida, tiveram aumentos importantes as culturas do milho, da soja e da cana-de-açúcar, enquanto as culturas do algodão, do café, do feijão e do trigo acusaram decréscimos.

Outro aspecto que merece ser ressaltado é a diversidade da agricultura do Paraná, que conta com uma variedade de produtos, muitos dos quais utilizam pouca terra, mas participam de forma razoável no valor da produção agropecuária do Estado. Os produtos que contribuíram com mais de R\$ 3,5

milhões para o valor da produção, entre 1 de agosto de 1995 e 31 de julho de 1996, totalizaram 350,9 milhões de reais no período analisado, englobando três grupos de origem vegetal: frutas, hortigranjeiros e outros vegetais; e produtos da silvicultura e outros produtos.

A pecuária paranaense apresenta elevado grau de modernização tecnológica e está presente em todas as regiões do Estado, com destaque para a suinocultura, avicultura e bovinocultura.

Tabela 121
Efetivos da Pecuária
Estado do Paraná
1996

Efetivos	Número de Cabeças
Bovinos	9.900.885
Suínos	4.026.192
Galinhas, Galos, Frangas e Frangos	94.466.000

Fonte: IBGE - Censo Agropecuário 1995/96.

Nas décadas 1970 e 1980, a agropecuária paranaense passou por um intenso processo de transformação da base técnica da produção que, além do crescimento da produção e da produtividade, gerou desequilíbrios ambientais e sociais, a exemplo dos graves problemas de erosão e da destruição da fertilidade natural dos solos, que contribuíram para a concentração da propriedade da terra e ampliaram o êxodo rural.

Quanto ao padrão tecnológico, em 1995, 22% dos estabelecimentos dispunham de trator, num total de 130.828 unidades. Cerca de 65,5% dos estabelecimentos usaram fertilizantes, sendo esta proporção maior (75,7%) para os estabelecimentos cuja atividade principal é produção de lavouras. Destes últimos, 86% realizaram controle de pragas e doenças. Dos estabelecimentos cuja atividade principal é a pecuária, 92% efetuaram controle de doenças e cerca de 40% dos estabelecimentos recorreram à assistência técnica. Chama atenção a alta incidência de estabelecimentos que utilizam agrotóxicos e medicamentos sem assistência técnica.

Cerca de 3,7% dos estabelecimentos do Paraná usaram técnicas de irrigação e a área irrigada compreendeu 1,2% da área total em lavouras, denotando que as condições agroecológicas reduzem o papel que a irrigação

pode ter na agricultura do Estado. No entanto, quase 70% dos estabelecimentos do Paraná estavam ligados à fonte de energia elétrica.

Apenas 11,8% dos estabelecimentos tomaram recursos emprestados para desenvolvimento e expansão de suas atividades e 10,5% recorreram ao crédito para custeio. O Paraná ostenta uma agricultura com um bom padrão tecnológico. Existem, no Estado, segmentos modernos e avançados, responsáveis por parcela significativa da produção, especialmente as lavouras comerciais – no entanto ainda possui expressão a variante da agricultura tradicional e de baixo padrão tecnológico.

Segundo o Censo Agropecuário de 1995-1996, o valor da produção agropecuária do Paraná no período focalizado foi de cerca de 5,5 bilhões de reais, sendo 33,0% originados da produção animal (de todos os tipos) e 66,9% da produção vegetal.

O desenvolvimento econômico do Paraná e sua integração na economia nacional relaciona-se ao processo de concentração e desconcentração econômica no Estado de São Paulo. No período de 1939 a 1970, a concentração da produção em São Paulo acabou por beneficiar o crescimento de regiões próximas de agricultura em modernização: Paraná, Santa Catarina e Centro-Oeste, que passaram a ter uma taxa de crescimento acima da média nacional neste período.

De 1970 a 1995, ocorre o movimento de desconcentração, que é acentuado entre 1970 e 1985 e sofre uma inflexão, senão reversão, a partir de 1985. O PIB Agropecuário do Paraná cresce em participação no PIB Agropecuário do Brasil, tanto na fase de concentração, como na de desconcentração – de 1939 (4,9%) até 1985 (11,9%) – apresentando a partir de 1985 uma trajetória de declínio: 9,2% em 1990 e 8,6% em 1995.

Alguns fatores podem ser alinhados para explicar a trajetória recente de declínio da participação do PIB Agropecuário do Paraná no PIB Agropecuário do Brasil, tais como a restrição do crédito agrícola subsidiado e da política de garantia de preços mínimos pelo governo; a crise do cooperativismo; o esgotamento da "fronteira agrícola" sulina; a estrutura fundiária ainda com expressiva participação de pequenas propriedades que desfavorecem

economias de escala e indiretamente geram oportunidades em outras regiões do país, como a notável expansão (principalmente grãos e pecuária) no Centro-Oeste e a importante expansão da região Norte (Cano, 1998)³¹.

A perda de participação do PIB agropecuário paranaense no PIB agropecuário brasileiro não significa, no entanto, perda de relevância da atividade agropecuária na economia do Paraná. Recontabilizações recentes têm indicado que, apesar de um acentuado declínio, a participação relativa do agregado contábil *agronegócios* (que inclui, além da atividade agropecuária, a agroindústria e o comércio do agronegócio) continua quantitativamente relevante, mantendo-se em cerca de 43% do total do “valor adicionado” do Estado do Paraná. Um padrão de agricultura, cuja dinâmica é regida pela agroindústria, vem ganhando força no Estado (Laurenti, 1998)³².

A estrutura agroindustrial do Paraná, na sua configuração atual, espelha o amadurecimento da estrutura econômica gestada durante os anos 70 e início dos 80, quando a par da intensa modernização da agropecuária paranaense, carnes processadas, rações balanceadas, extração e refino de óleos vegetais passaram a dividir espaço com segmentos tradicionais, como beneficiamento de cereais e torrefação de café.

Nos anos 90 foi mantida, em princípio, a estrutura anterior. Houve o predomínio de 28,2% de beneficiamento e moagem de grãos, 29% de carnes e 6,2% de óleo refinado (inclusive o bruto) no valor adicionado do gênero produtos alimentares em 1997, em detrimento de alimentos mais elaborados como massas, doces e biscoitos que responderam por apenas 9% – embora esse setor apresente concentração recente de investimentos estrangeiros em fusões e aquisições (Nojima, 1999)³³.

³¹ CANO, Wilson (1998) *Desequilíbrios regionais e concentração industrial no Brasil, 1930 - 1995*. 2ª ed. Campinas, SP. Unicamp-IE.

³² LAURENTI, A.C. (1998) *A evolução recente da economia paranaense com base no Agronegócio como um agregado contábil*. Londrina, PR, IAPAR - Área de Socioeconomia. (mimeo).

³³ NOJIMA, Daniel (1999) Panorama, Tendências e Competitividade da Indústria de Alimentos e Bebidas no Paraná. *Revista Paranaense de Desenvolvimento*, Curitiba, Iparde, n.95, jan./abr., p.79-87.

A agropecuária do Paraná tem se adaptado a essa situação através de programas de aumento da competitividade, como conservação de solo e manejo integrado de pragas, plantio direto em soja, trigo e milho e aumento da utilização de insumos. Também renovou seu parque de máquinas e implementos agrícolas, revitalizou a citricultura e retomou a cafeicultura, reestruturada sob a técnica do plantio adensado, investindo também em centros de pesquisa agropecuária e melhoramento genético de suínos.

Visando o combate do êxodo rural, sucessivos governos do Paraná, principalmente após a grande geada de 1975 e a erradicação de grande parte da área de café, tem adotado como paradigma de políticas públicas um enfoque produtivista com um viés estritamente agropecuário, isto é, sem considerar as possibilidades de um desenvolvimento rural que contemple também atividades não-agrícolas. No entanto, uma das causas do enorme êxodo rural do estado pode residir justamente na falta de alternativas agrícolas e não-agrícolas de emprego e renda que possam complementar a baixa rentabilidade das atividades agrícolas convencionais garantindo a permanência no campo, principalmente dos agricultores familiares.

A atual perda de rentabilidade das principais *commodities*, como a soja e o milho por exemplo, tem levado o setor de agropecuária do Paraná a buscar alternativas de diversificação para novas atividades como piscicultura, fruticultura, turismo rural e ecológico, entre outras. Levantamentos oficiais estimam em 800 o número de "pesque-pagues", o que tem possibilitado o surgimento de empreendimentos especializados no fornecimento de produtos intermediários (produção de alevinos em Rolândia) ou na transformação (indústria de filetagem de peixes na região Oeste paranaense).

Essas novas atividades são, no entanto, geralmente dispersas, de pequena escala, sem muita interação com as atividades convencionais, mas com alto conteúdo tecnológico e de gestão empresarial. Considerando o peso dessas novas atividades na economia do Estado, apresentam as mesmas, no entanto, sua dinâmica de crescimento econômico ainda atrelada à exploração agrícola convencional.

Um aspecto importante é a existência hoje, apesar dos esforços de atualização, de um descompasso entre a tecnologia oferecida pelas escolas de

agronomia, institutos de pesquisa e extensão oficiais, que concentram-se nas atividades convencionais e a emergência de novas atividades, com alto conteúdo tecnológico e que estão dependendo de recursos próprios dos produtores para investimentos em tecnologia e da assistência técnica oferecida por empresas privadas.

Vale, ressaltar, também, a importância de grandes cooperativas singulares que, apesar de endividadas, estão se reestruturando e buscando a diversificação. A Cocamar, por exemplo, procura integrar a produção do bicho da seda com um pólo industrial têxtil, e a Coamo investe em usinas e destilarias, cuja produção de cana é majoritariamente oriunda da produção própria, e não de cooperados ou fornecedores, conformando um projeto de forte cunho empresarial.

As cooperativas estão presentes também na dinamização de novas atividades como a citricultura, que está sendo incentivada pela entrada em operação de uma planta para moagem de laranja e fabricação de suco concentrado no município de Paranavaí, em empreendimento que é uma parceria da Cocamar, da Copagro e do grupo americano Albertson Group.

Quanto à demanda de mão-de-obra técnica, o Paraná apresenta um quadro geral de queda no uso de mão-de-obra agrícola, com crescimento das ocupações não-agrícolas na população residente no meio rural e um grande crescimento no setor de serviços. Para a mão-de-obra técnica é importante o crescimento dos serviços ligados à Agropecuária, principalmente ao comércio agrícola, à venda de insumos, à terceirização de atividades como adubação, manutenção e operação de máquinas e equipamentos, e atividades ligadas à indústria de transformação, no entanto os técnicos de nível médio enfrentam a redução do número de vagas em função da preferência por técnicos de nível superior para as mesmas funções.

Atualmente a assistência técnica não é mais exercida predominantemente pela rede pública de Extensão Rural, mas também por empresas privadas e Organizações Não Governamentais, como por exemplo a Assessorar, ONG que atende pequenos agricultores sediada em Francisco Beltrão, na região Sudoeste do Paraná.

Evolução das Ocupações Agrícolas e Não-Agrícolas no Paraná

Os Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios³⁴

Os dados da PNAD mostram que a PEA total do Estado cresceu a uma taxa de 0,9% ao ano (significativa ao nível de 10%), passando de 3.909 mil pessoas ocupadas, em 1992, para 4.128 mil, em 1998. O que determinou esse crescimento foi o comportamento da PEA urbana, que cresceu 2,4% ao ano, e da PEA ocupada em atividades não-agrícolas, que teve aumento de 2,8% ao ano nas áreas urbanas e 7,5% ao ano nas áreas rurais. Tanto a PEA rural quanto a PEA agrícola (urbana e rural) sofreram significativas reduções no número de pessoas ocupadas.

A forte redução das ocupações na agricultura, verificada em todas as áreas e situações de domicílio, deve-se ao intenso processo de modernização propiciado pelo crescimento da mecanização das colheitas das principais culturas absorvedoras de mão-de-obra, com a conseqüente diminuição na sazonalidade do emprego. Observa-se, igualmente, que nos anos 90 o processo crescente de abertura comercial foi desastroso para a agropecuária paranaense, quando alguns produtos e máquinas passaram a ser sistematicamente importados. Um exemplo marcante dessa questão é o caso da liberação da importação de fibras de algodão, que provocou um grande impacto sobre o emprego agrícola, reduzindo a ocupação da mão-de-obra e gerando graves problemas sociais no Estado.

Chama a atenção que a maior participação na PEA total ocupada no Estado seja da região não-metropolitana (cerca de 75% do total, em 1998). Especificamente sobre a PEA rural, essa participação é ainda maior, pois mais de 90% dela está no interior (873 mil pessoas ocupadas contra 68 mil na região metropolitana, em 1998). Na região metropolitana, a PEA rural é predominantemente não-agrícola (53 mil pessoas ocupadas contra 15 mil nas atividades agrícolas), enquanto no interior a situação é inversa, pois cerca de 75% das pessoas ocupadas estão nas atividades agrícolas (660 mil contra 213 mil nas atividades não-agrícolas).

³⁴ Este item está baseado no texto "Caracterização e evolução das ocupações das pessoas e das famílias agrícolas e rurais no contexto paranaense: uma análise a partir dos dados das Pnads", escrito por Marcelino de Souza no âmbito do Projeto Rurbano.

Tabela 122
População Ocupada (1), segundo a Área, Situação do Domicílio e Ramos de Atividade
Estado do Paraná
1992-1998

Em mil pessoas

Área Situação do Domicílio e Ramos de Atividade	1992	1993	1995	1996	1997	1998	1992/98 % a.a.
Total	3.909	3.968	4.192	4.155	4.109	4.128	0,9 **
Urbano	2.770	2.876	3.143	3.170	3.134	3.186	2,4 ***
Agrícola	254	272	247	269	246	216	-2,3 *
Não-Agrícola	2.516	2.604	2.896	2.901	2.887	2.970	2,8 ***
Rural	1.139	1.092	1.049	985	976	941	-1,3
Agrícola	976	909	869	782	750	675	-5,6 ***
Não-Agrícola	162	182	180	203	226	267	7,5 ***
Metropolitano	917	925	1.067	1.106	1.100	1.096	3,6 ***
Urbano	862	863	1.006	1.041	1.022	1.028	3,6 ***
Agrícola	15	12	11	10	10	7	-9,5 ***
Não-Agrícola	847	850	995	1.031	1.012	1.021	3,7 ***
Rural	55	62	61	65	79	68	4,3 **
Agrícola	35	35	31	30	20	15	-12,7 ***
Não-Agrícola	20	27	31	35	59	53	18,4 ***
Não Metropolitano	2.992	3.043	3.125	3.049	3.009	3.031	0,1
Urbano	1.908	2.013	2.137	2.129	2.112	2.158	1,8 ***
Agrícola	240	260	236	259	237	209	-1,9
Não-Agrícola	1.669	1.754	1.900	1.870	1.875	1.949	2,3 ***
Rural	1.084	1.029	988	920	897	873	-3,5 ***
Agrícola	942	874	838	752	730	660	-5,4 ***
Não-Agrícola	142	156	149	168	167	213	5,3 ***

Fonte: Tabulações Especiais do Projeto Urbano, IE/Unicamp.

(1) PEA restrita.

Notas: ***, **, * indicam, respectivamente, 5%, 10% e 20% de confiança, estimado pelo coeficiente de regressão log-linear contra o tempo.

A PEA rural não-agrícola, apesar de minoritária, apresentou crescimento contínuo e significativo no período 1992-98 (7,5% ao ano para o total do Estado, passando de 162 mil pessoas ocupadas, em 1992, para 267 mil, em 1998). O crescimento da PEA rural não-agrícola foi diferenciado por região: 18,4% ao ano na região metropolitana e 5,3% ao ano no interior. Esse comportamento é que garantiu uma situação menos adversa para a PEA rural (queda de 1,3% ao ano no total do Estado, embora no interior a situação tenha sido mais grave, com redução de 3,5% ao ano no número de pessoas ocupadas) pois, como foi visto, a PEA rural agrícola apresentou um fraco desempenho.

Os ramos de atividade que mais se destacam, em números absolutos, na ocupação da PEA rural não-agrícola são os de prestação de serviços, indústria de transformação, serviços sociais, comércio de mercadorias e indústria da construção. Em 1998, responderam por mais de 80% das ocupações (228 mil pessoas ocupadas num total de 267 mil no Estado). Nota-se que todos esses ramos apresentaram taxas positivas de crescimento no período 1992-98.

O ramo de prestação de serviços, principal empregador da PEA rural não-agrícola, com 74 mil pessoas ocupadas, em 1998, tem apresentado forte crescimento (9,3% ao ano entre 1992 e 1998) em virtude da expansão do setor de emprego doméstico. A utilização do espaço rural para a construção de moradias em condomínios e chácaras de final de semana, além de hotéis-fazenda e outros equipamentos de turismo e lazer, têm demandado muita mão-de-obra. Também é preciso considerar que muitas pessoas residentes no meio rural – mulheres, sobretudo – empregam-se em serviços domésticos nas residências urbanas, devido à dificuldade de inserção no trabalho agrícola. Alguns estudos, comparando a renda média relativa entre os ramos de atividades agrícolas e não-agrícolas no Paraná, destacam que o ramo de prestação de serviços apresenta renda média menor que a renda média agrícola. Mesmo assim, houve uma duplicação de pessoas ocupadas neste ramo nos anos 90, em relação ao começo da década passada, provavelmente pela falta de emprego agrícola e não pelo atrativo de renda.

O ramo da indústria de transformação, a despeito de ser muito complexo, é importante no contexto socioeconômico paranaense e está passando por importantes processos de mudanças. Dentro das agroindústrias, que são muito representativas neste ramo, destacam-se tanto aquelas que fazem parte do sistema de apoio da agricultura, transformando produtos no espaço rural a partir do aproveitamento de produtos tipicamente rurais (descaroçamento de algodão, instalações para classificação e acondicionamento, produção de farinha de mandioca e polvilho azedo, aguardente, indústria caseira de laticínios, geléias, conservas e outras que podem estar associadas a habilidades artesanais), quanto aquelas que fazem utilização secundária dos produtos – consequência da atividade do primeiro grupo –, aprofundando o processamento e, nesse caso, não dependendo da localização de sua planta

industrial. Em 1998, este ramo de atividade ocupou 58 mil pessoas da PEA rural não-agrícola (perante as 36 mil no início da década), fruto de um crescimento significativo de 7,5% ao ano no período 1992-98.

O ramo de serviços sociais tem um peso expressivo no conjunto geral das ocupações rurais não-agrícolas, chegando a absorver mais de 30 mil pessoas em 1998, entretanto, foi o ramo de atividade que menos cresceu nos anos 90 (apenas 0,4% ao ano, não significativo estatisticamente). O desempenho de 1998 pode estar indicando a retomada de investimentos nesta área que é muito importante para o oferecimento de serviços de qualidade para a população (saúde, educação, etc.).

O bom desempenho do ramo da construção (crescimento de 14,7% ao ano no número de pessoas ocupadas, o maior registrado no período 1992-98) resulta do fato de estar o espaço rural paranaense sofrendo transformações importantes no que se refere aos aspectos de moradia rural, principalmente para atendimento às recentes demandas dos novos atores sociais, como foi salientado anteriormente. Também é preciso apontar os efeitos do desencadeamento de programas estaduais de combate à pobreza rural, principalmente o programa de vilas rurais, que já concluiu a instalação de 171 vilas, com 6.484 famílias beneficiadas, as quais localizam-se preferencialmente nas proximidades de distritos rurais.

O aumento no ramo de atividade da administração pública no período 1992-98 (14,1% ao ano) deve-se ao crescimento do número de municípios³⁵. Esses municípios eram, normalmente, pequenos povoados e/ou distritos, sem uma infra-estrutura adequada ao seu pleno funcionamento. A instalação dessa nova infra-estrutura demandou a contratação de um maior número de pessoas, proporcionando, assim, um aumento das ocupações neste ramo de atividade.

³⁵ Segundo o IBGE, a divisão administrativa do Estado do Paraná contava com 290 municípios, em 1980, passou para 322, em 1991, e chegou a 399 no ano de 1997.

Tabela 123
População Rural Ocupada(1), segundo os Ramos de Atividade
Estado do Paraná
1992-1998

Ramos de Atividades	Em mil pessoas						1992/98 % a.a.
	1992	1993	1995	1996	1997	1998	
Total	162	182	180	203	226	267	7,5 ***
Indústria de Transformação	36	49	42	45	64	58	7,5 **
Indústria da Construção	12	12	17	17	20	28	14,7 ***
Outras Atividades Industriais	4	-	3	-	4	5	-
Comércio de Mercadorias	25	24	24	33	27	34	5,3 **
Prestação de Serviços	43	45	48	55	67	74	9,3 ***
Serviços Auxiliares	4	3	2	-	4	7	-
Transporte ou Comunicação	7	7	8	10	9	11	6,1 ***
Serviços Sociais	26	33	27	30	22	34	0,4
Administração Pública	6	5	9	9	8	14	14,1 ***
Outras Atividades	-	-	-	-	-	-	-
Metropolitano	20	27	31	35	59	53	18,4 ***
Indústria de Transformação	7	7	7	6	12	8	4,9
Indústria da Construção	2	4	5	6	11	12	37,3 ***
Outras Atividades Industriais	-	-	-	-	2	-	-
Comércio de Mercadorias	2	2	4	5	8	7	29,0 ***
Prestação de Serviços	5	6	7	11	17	14	21,7 ***
Serviços Auxiliares	-	-	-	-	-	2	-
Transporte ou Comunicação	2	2	-	2	4	3	-
Serviços Sociais	2	4	4	3	4	4	5,0
Administração Pública	-	-	2	-	-	2	-
Outras Atividades	-	-	-	-	-	-	-
Não-Metropolitano	142	156	149	168	167	213	5,3 ***
Indústria de Transformação	28	42	35	39	52	50	8,1 **
Indústria da Construção	10	8	12	11	9	15	5,8
Outras Atividades Industriais	3	-	-	-	-	4	-
Comércio de Mercadorias	23	22	20	28	20	28	1,9
Prestação de Serviços	39	39	41	44	50	60	7,0 ***
Serviços Auxiliares	4	-	-	-	-	6	-
Transporte ou Comunicação	6	6	7	8	5	7	2,5
Serviços Sociais	24	28	23	27	18	30	0,1
Administração Pública	5	5	7	7	7	12	13,7 ***
Outras Atividades	-	-	-	-	-	-	-

Fonte: Tabulações Especiais do Projeto Rurbano, IE/Unicamp.

(1) PEA restrita.

Notas: ***, **, * indicam, respectivamente, 5%, 10% e 20% de confiança, estimado pelo coeficiente de regressão log-linear contra o tempo; "-" indica menos de seis observações na amostra.

O crescimento significativo do ramo de transporte e comunicação explica-se pelo fato de que cada vez mais as pessoas necessitam de deslocamento diário para os locais de trabalho em pequenos municípios e povoados, com o intuito de trabalhar em outras atividades, pois as atividades agrícolas oferecem cada

vez menos postos de trabalho. Inicialmente, eram os deslocamentos pendulares de ida e volta desde a periferia urbana e metropolitana – hoje, no entanto, aplicam-se aos deslocamentos entre núcleos rurais ou entre núcleos rurais e urbanos, que se tornam cada vez mais massivos e constantes, cobrindo um raio cada vez mais amplo. Além disso, existe sempre a necessidade de transporte de pessoas para atendimento nos serviços de saúde e de educação, que podem estar distantes dos núcleos predominantemente rurais.

Em resumo, pode-se afirmar que a evolução da PEA rural envolvida em atividades não-agrícolas foi mais positiva do que a PEA envolvida em atividades agrícolas. Esta mudança de ramos de atividades indica que já não é mais tão simples a separação das atividades urbanas das rurais, posto que o espaço rural não pode ser pensado unicamente como o local de produção agrícola e de oferta de mão-de-obra. Além disso, ele pode ser um lugar em que as pessoas podem exercer outras atividades – como turismo, lazer, moradia –, o que permite um uso extremamente variado desse espaço rural. Assim, há possibilidades de combinação de postos de trabalho, conseqüência direta do crescente grau de integração econômica e social que este espaço vem sofrendo com o urbano.

Os principais setores de atividade não-agrícola da população rural são, em ordem decrescente: emprego doméstico, construção, estabelecimento de ensino público, indústria de madeiras, indústria de alimentos, comércio de alimentos e administração municipal. Em 1998, ocuparam 157 mil das 267 mil pessoas integrantes da PEA rural paranaense (ou mais de 50% do total).

Sem dúvida, o emprego doméstico é o setor de atividade da população rural não-agrícola mais importante (e com tendência de crescimento). Esse setor apresenta uma complexa diferenciação nas atividades, mas seu crescimento tem origem nas “novas funções do meio rural” (moradia, lazer, turismo, outras atividades) e na possibilidade de maior inserção/absorção maior de trabalhadores com restrita qualificação profissional, como é o caso da maioria dos trabalhadores do espaço rural paranaense.

O setor de estabelecimento de ensino público é um setor de atividade não-agrícola com um peso importante no espaço rural paranaense. Seu

comportamento, durante o período analisado, foi de relativa estabilidade, que pode estar relacionado com o fato da infra-estrutura social existente no espaço rural paranaense ter permanecido praticamente inalterada, não criando novas demandas de ocupações para as pessoas aí residentes. Lembre-se que o ramo de serviços sociais apresentou comportamento semelhante no período 1992-98. Além disso, esse desempenho pode ser reflexo das políticas administrativas que levaram ao fechamento de estabelecimentos de ensino público no espaço rural paranaense.

Vale destacar a importância do setor público na ocupação da PEA rural. Somando-se as ocupações nos setores de estabelecimento de ensino público e administração municipal, percebe-se que elas totalizaram 26 mil pessoas ocupadas, em 1998, ou 10% do total das ocupações. Esse valor é bem maior do que os observados para vários setores privados e mostra o efeito positivo dos investimentos sociais para o desenvolvimento local.

Tabela 124
População Rural Ocupada (1), segundo os Setores de Atividade
Estado do Paraná
1992-1998

Setores de Atividade	Em mil pessoas						1992/98 % a.a.
	1992	1993	1995	1996	1997	1998	
Total	162	182	180	203	226	267	7,5 ***
Emprego Doméstico	25	22	32	39	44	53	15,0 ***
Construção	12	12	17	17	20	28	14,7 ***
Estab. Ensino Público	20	25	18	21	15	25	-0,6
Indústria de Madeiras	14	16	13	13	17	15	0,5
Indústria de Alimentos	-	10	5	8	11	13	-
Comércio de Alimentos	11	15	6	10	4	12	-8,4
Administração Municipal	6	5	6	3	6	11	6,3
Transporte de Carga	5	4	5	7	6	7	10,7 ***
Restaurantes	6	4	7	4	11	7	6,9
Comércio de Varejo	-	-	-	3	5	7	-
Indústria de Transformação	10	9	8	8	12	6	-3,0
Indústria de Metais	-	-	4	3	8	5	-
Agenc. de Mão-de-Obra	-	-	-	-	-	4	-
Assist. Técnica - Veículos	-	3	3	4	2	4	-
Comércio Ambulante	4	-	7	7	4	3	-
Subtotal	113	125	133	149	166	201	9,1 ***

continua

Setores de Atividade	1992	1993	1995	1996	1997	1998	1992/98 % a.a.
Metropolitano	20	27	31	35	59	53	18,4 ***
Construção	2	4	5	6	11	12	37,3 ***
Emprego Doméstico	2	2	3	7	7	7	26,7 ***
Transporte de Carga	-	-	-	-	2	3	-
Restaurantes	-	2	2	-	4	2	-
Indústria de Transformação	6	4	4	2	3	2	-15,5 ***
Assist. Técnica - Veículos	-	-	-	2	-	2	-
Administração Municipal	-	-	-	-	-	2	-
Comércio Ambulante	-	-	-	-	-	2	-
Estab. Ensino Público	-	3	2	2	2	-	-
Comércio de Alimentos	-	-	-	-	2	-	-
Indústria de Metais	-	-	-	-	2	-	-
Subtotal	10	15	15	18	33	32	20,7 ***
Não Metropolitano	142	156	149	168	167	213	5,3 ***
Emprego Doméstico	23	20	30	33	37	46	13,6 ***
Estab. Ensino Público	19	22	16	19	13	24	-1,0
Construção	10	8	12	11	9	15	5,8
Indústria de Madeiras	14	16	13	13	15	14	-0,4
Indústria de Alimentos	-	10	5	8	11	12	-
Comércio de Alimentos	10	14	5	9	-	11	-
Administração Municipal	5	4	5	-	5	9	-
Comércio de Varejo	-	-	-	-	5	6	-
Restaurantes	5	-	5	-	7	5	-
Indústria de Transformação	3	5	5	6	9	4	7,6
Transporte de Carga	3	-	5	7	4	4	-
Agenc. de Mão-de-Obra	-	-	-	-	-	4	-
Indústria de Metais	-	-	4	-	6	4	-
Indústria de Construção	-	-	4	-	-	-	-
Subtotal	93	99	108	106	122	161	7,7 ***

conclusão

Fonte: Tabulações Especiais do Projeto Urbano, IE/Unicamp.

(1) PEA restrita.

Notas: ***, **, * indicam, respectivamente, 5%, 10% e 20% de confiança, estimado pelo coeficiente de regressão log-linear contra o tempo; "-" indica menos de seis observações na amostra.

As razões do fraco desempenho da indústria de madeiras, em termos de ocupação da mão-de-obra, provavelmente são de duas ordens: por ser um setor de atividade que, crescentemente, passa pelo processo de absorção de inovações tecnológicas, pode operar com um número estável de pessoas ocupadas, sem comprometimento da produção; e o aumento da fiscalização no cumprimento das normas e leis ambientais, realizado pelas instituições governamentais, bem como a pressão exercida pelas organizações de defesa do meio ambiente, reduzem e/ou dificultam as possibilidades de exploração florestal sem a devida regulamentação legal. Quanto ao setor da indústria de

alimentos, também integrante do ramo da indústria de transformação, os dados mostram uma grande variação de ano para ano, que pode ser atribuída às características do próprio setor, que apresenta capacidade de aumentar ou diminuir sazonalmente as ocupações, em razão da maior ou menor utilização da capacidade produtiva. Além disso, vários produtos agrícolas passaram por forte crise nos anos 90, com redução de preços, o que pode ter dificultado a integração com o abastecimento de matéria-prima.

O setor de comércio de alimentos foi o que apresentou o pior desempenho no total do Estado nos anos 90, com redução de 8,4% ao ano no número de pessoas ocupadas, a despeito do bom desempenho observado para o ramo de comércio de mercadorias. É muito provável que a queda se relacione com a supressão crescente deste setor de atividade pelo aumento das cadeias de supermercados, bem como das cooperativas.

O setor de transporte de carga teve crescimento de 10,7% ao ano no número de pessoas ocupadas (apesar da variação absoluta ter sido de baixa magnitude, passando de 5 mil pessoas ocupadas, em 1992, para 7 mil, em 1998). Esse crescimento pode ser atribuído ao envolvimento de pessoas que residem no meio rural que trabalham transportando produtos diversos, principalmente agrícolas, dada a importância do Paraná na produção de grãos e oleaginosas, e também dos produtos derivados da agroindústria.

As ocupações (profissões) rurais não-agrícolas da PEA rural paranaense são bastante variadas, mas pode-se identificar como principais as seguintes: serviços domésticos, pedreiro, motorista, serviços conta-própria, professor do ensino fundamental, balconistas-atendentes e diversos. Essas profissões foram as que mais absorveram mão-de-obra rural não-agrícola em 1998 (123 mil pessoas das 267 mil ocupadas, ou quase 50% do total). Um dos aspectos notados e, de certa forma, já esperado, é que a categoria de serviços domésticos se sobressai muito em relação às demais, atingindo 44 mil pessoas ocupadas, em 1998.

Essa liderança dos serviços domésticos nas ocupações rurais não-agrícolas aponta para três características diferentes, mas estreitamente associadas:

- a dificuldade crescente da inserção da mulher no mercado de trabalho agrícola, no qual os atributos ligados à resistência física ainda são muito importantes para a força de trabalho agrícola não-qualificada;

- o crescimento das moradias de altas rendas nas zonas rurais, seja como chácara de fim de semana, seja como condomínios de alto padrão para as famílias que procuram uma qualidade de vida melhor que a proporcionada pelos grandes aglomerados urbanos; e

- o crescimento da produção de baixa renda, que trabalha em áreas urbanas mas reside na zona rural, tendo em vista a facilidade para conseguir terrenos mais baratos e a ausência de restrições legais para a autoconstrução.

Tabela 125
População Rural Ocupada (1), segundo a Ocupação Principal
Estado do Paraná
1992-1998

Ocupação Principal	Em mil pessoas						1992/98 % a.a.
	1992	1993	1995	1996	1997	1998	
Total	162	182	180	203	226	267	7,5 ***
Serviços Domésticos	22	17	28	34	40	44	15,6 ***
Pedreiro	7	8	8	10	11	18	14,0 ***
Motorista	10	6	8	13	15	14	11,7 *
Serviços Conta-Própria	5	9	8	6	8	14	9,1
Prof. Ens. Fund. Inicial	12	15	8	9	8	11	-6,3
Balconistas – Atendentes	10	7	5	9	7	11	2,1
Diversos	9	12	12	7	15	11	2,1
Servente – Faxineiro	7	10	5	6	5	9	-2,0
Ajudante Diversos	4	5	4	-	6	8	-
Carpinteiro	-	-	-	6	5	5	-
Serrador de Madeira	-	7	4	-	-	4	-
Diarista Doméstica	-	3	-	-	2	4	-
Prof. Ens. Fund.	-	-	-	-	3	4	-
Costureiro–Alfaiate	-	7	-	4	6	4	-
Ajudante de Pedreiro	-	-	6	4	4	4	-
Ajudante Mec. Veículos	-	-	-	-	-	3	-
Ajudante Administrativo	4	-	3	5	2	3	-
Concretista-Draguista	4	-	-	-	-	3	-
Ajudante de Pintor	-	-	-	-	-	3	-
Guarda–Vigia	-	-	5	-	3	3	-
Cozinheiro (Não Domés.)	4	-	3	5	6	-	-
Copeiro–Balconista	-	-	-	-	4	2	-
Ambulante-Outros	-	-	5	6	3	2	-
Subtotal	98	106	112	124	155	183	10,3 ***

continua

Ocupação Principal	1992	1993	1995	1996	1997	1998	1992/98 % a.a.
Metropolitano	20	27	31	35	59	53	18,4 ***
Pedreiro	-	2	4	2	5	7	-
Serviços Domésticos	2	2	2	5	5	4	21,2 ***
Motorista	3	2	2	3	4	3	8,1
Diversos	2	3	-	-	4	3	-
Diarista Doméstica	-	-	-	-	2	3	-
Balconistas-Atendentes	-	-	-	2	4	3	-
Serviços Conta-Própria	-	-	2	-	-	2	-
Ajudante de Pedreiro	-	-	-	-	4	2	-
Servente-Faxineiro	-	-	-	-	2	2	-
Marceneiro	-	-	-	-	2	-	-
Carpinteiro	-	-	-	-	2	-	-
Subtotal	7	9	9	13	32	28	28,4 ***
Não Metropolitano	142	156	149	168	167	213	5,3 ***
Serviços Domésticos	20	16	26	29	35	40	15,0 ***
Serviços Conta-Própria	5	8	6	5	7	12	8,9
Pedreiro	7	5	4	7	7	11	8,0
Prof. Ens. Fund. Inicial	12	14	6	8	8	11	-5,6
Motorista	7	5	6	10	11	11	13,0 **
Balconistas - Atendentes	9	6	4	7	4	8	-4,1
Diversos	7	9	11	6	11	7	1,5
Servente - Faxineiro	7	9	4	5	-	7	-
Ajudante Diversos	3	3	3	-	6	7	-
Serrador de Madeira	-	6	4	-	-	4	-
Prof. Primeiro Grau	-	-	-	-	-	4	-
Costureiro - Alfaiate	-	6	-	4	5	4	-
Carpinteiro	-	-	-	5	4	4	-
Ajudante Administrativo	3	-	-	4	-	-	-
Concretista - Draguista	4	-	-	-	-	-	-
Cozinheiro (Não Domés.)	-	-	3	4	4	-	-
Guarda - Vigia	-	-	4	-	-	-	-
Ajudante de Pedreiro	-	-	5	-	-	-	-
Subtotal	84	86	87	95	100	130	6,2 ***

conclusão

Fonte: Tabulações Especiais do Projeto Rurbano, IE/Unicamp.

(1) PEA restrita.

Notas: ***, **, * indicam, respectivamente, 5%, 10% e 20% de confiança, estimado pelo coeficiente de regressão log-linear contra o tempo; "-" indica menos de seis observações na amostra.

Chama a atenção que somente a ocupação dos professores do ensino fundamental tenha caído no período 1992-98 (6,3% ao ano). Essa queda pode, em parte, ser atribuída tanto à falta de investimentos na infra-estrutura educacional do espaço rural paranaense, como também ao fechamento e/ou aglutinação de algumas escolas no espaço rural. Todas as demais profissões colocadas entre as principais apresentaram crescimento no número de

peças ocupadas, que variou de 2,1% ao ano (diversos e balconistas-atendentes) até 15,6% ao ano (serviços domésticos).

Uma questão deve ser mencionada na abordagem das ocupações rurais não-agrícolas no espaço rural paranaense: detecta-se que elas são, em sua maioria, ocupações que necessitam de baixas qualificações e, conseqüentemente, menor tempo de escolaridade. No entanto, também é de conhecimento geral que o acesso à escola para a população rural costuma ser bem mais difícil, trazendo como conseqüência graus mais baixos de escolarização das pessoas que aí residem e trabalham.

Em resumo, as informações apresentadas mostram que mais de 1/5 do total da População Economicamente Ativa (PEA) rural do Estado do Paraná ocupou-se em atividades não-agrícolas em 1998. Não obstante, o crescimento da PEA rural ocupada em atividades não-agrícolas tornou-se muito importante na medida em que houve a queda da PEA rural envolvida em atividades agrícolas. Como parte da população rural pode migrar para as atividades não-agrícolas, restringiu-se, em boa medida, os possíveis impactos sociais e econômicos do desemprego no meio rural paranaense.

Este fluxo da população rural paranaense para ocupações não-agrícolas mostra, de um lado, a crescente retração dos postos de trabalho estritamente agrícolas e, de outro, reflete a procura por outras ocupações que proporcionem melhores rendas.

Quanto aos principais ramos de atividades que envolvem essa população rural, destacam-se a prestação de serviços, a indústria da transformação, os serviços sociais, o comércio de mercadorias e a indústria da construção. O ramo de prestação de serviços é o mais importante. Se ele não se apresenta tão promissor pelo aspecto de renda, talvez os benefícios advindos indiretamente (da previdência social e da legislação trabalhista) sejam os atrativos mais importantes. No que diz respeito aos setores de atividades, sobressaem os de emprego doméstico, construção, estabelecimentos de ensino público, indústria de madeiras e indústria de alimentos. Com relação às principais ocupações rurais não-agrícolas destacam-se serviços domésticos, pedreiros, motoristas e serviços conta-própria. Em geral, são ocupações que

não requerem muitos anos de escolarização e exigem pouca especialização profissional.

Apesar do crescimento das atividades não-agrícolas no espaço rural paranaense, o peso das atividades agrícolas é ainda muito grande. Entretanto, já há indicativos suficientes para se argumentar que elas vêm crescentemente perdendo importância. Mesmo que as atividades agrícolas, *stricto sensu*, sejam a base econômica e social, elas vêm sofrendo um processo de redefinição constante. Contudo, seria um equívoco descartar as possibilidades da agricultura como uma alavanca das ocupações não-agrícolas no caso paranaense, pois existem claras evidências das chamadas “novas atividades agrícolas” como, por exemplo, a piscicultura de caráter comercial, a agricultura orgânica, a produção de flores, os programas que visam a criação de animais silvestres em áreas de preservação ambiental, as reservas particulares do patrimônio natural, etc, bem como o peso ainda muito significativo da indústria de transformação (em especial das agroindústrias) na geração de ocupações não-agrícolas.

Demanda da Força de Trabalho na Agropecuária Paranaense – Sensor Rural

As estimativas da Fundação Seade indicam que a cultura que mais demanda mão-de-obra na agricultura paranaense é o milho. Em 1999, demandou 23% do total de equivalentes-homens-ano (EHA), apesar de apresentar uma participação bem maior na área total cultivada com as principais culturas (32,4%). A explicação para este fato reside no alto grau de mecanização da cultura, desde o plantio até a colheita. Cabe destacar que dentro da área total cultivada com milho, parte significativa (cerca de 20%, segundo o IBGE) é dedicada ao cultivo de milho no inverno, a chamada safrinha (cerca de 20%, segundo o IBGE), sendo o Paraná um dos estados pioneiros na introdução dessa prática, que cresceu bastante em substituição ao trigo. Outro fato relevante é que a maior parte da produção do milho é voltada para o consumo animal (aves, bovinos e suínos).

Além do milho, outras culturas classificadas como grãos e oleaginosas têm importância na agricultura do Paraná, principalmente em termos de área cultivada a soja, que teve participação de 8,8% na demanda de mão-de-obra e

35,6% na área cultivada em 1999; o feijão, com participações respectivas de 13,5% e 8,1%; e o trigo, com participações de 2% e 9,8%. Juntas, essas quatro culturas responderam por cerca de 85% da área total cultivada com as principais atividades, embora tenham demandado 47,3% da mão-de-obra agrícola em 1999. Ainda podem ser citadas as culturas de arroz, aveia e cevada, que ocuparam quase 230 mil hectares em 1999 (3% do total), mas demandaram pouca mão-de-obra devido ao elevadíssimo grau de mecanização.

Tabela 126

Demanda da Força de Trabalho Agrícola Anual e Área Cultivada das Principais Culturas
Estado do Paraná
1998-99

Principais Culturas	EHA (1)		1999 (%)	Área (1000 ha)		1999 (%)
	1998	1999		1998	1999	
Total	357.582	347.609	100,0	7.780,4	7.750,3	100,0
Algodão Herbáceo	30.321	12.720	3,7	116,8	49,0	0,6
Alho	1.044	1.000	0,3	0,7	0,7	0,0
Amendoim	210	227	0,1	2,5	2,7	0,0
Arroz	3.144	3.105	0,9	83,0	82,7	1,1
Aveia	686	687	0,2	115,3	115,5	1,5
Banana	974	1.008	0,3	5,8	6,0	0,1
Batata	7.192	7.012	2,0	41,8	40,7	0,5
Café	48.473	48.846	14,1	130,0	131,0	1,7
Cana-de -Açúcar	32.712	32.658	9,4	400,8	394,8	5,1
Cebola	2.603	1.859	0,5	6,3	4,5	0,1
Centeio	17	5	0,0	2,4	0,7	0,0
Cevada	449	320	0,1	43,0	30,6	0,4
Feijão	43.310	47.010	13,5	577,1	624,1	8,1
Fumo	35.188	31.268	9,0	41,3	36,7	0,5
Laranja	845	861	0,2	10,8	11,0	0,1
Maçã	806	805	0,2	1,4	1,4	0,0
Mamona	7	7	0,0	0,1	0,1	0,0
Mandioca	33.006	36.391	10,5	156,0	172,0	2,2
Milho	72.764	80.096	23,0	2.227,0	2.513,3	32,4
Rami	331	184	0,1	0,9	0,5	0,0
Soja	31.584	30.608	8,8	2.848,0	2.760,0	35,6
Sorgo	20	20	0,0	3,0	3,0	0,0
Tomate Rasteiro	378	430	0,1	2,3	2,6	0,0
Trigo	8.592	6.815	2,0	960,0	761,5	9,8
Uva	2.926	3.666	1,1	4,2	5,2	0,1

Fonte: Fundação Seade.

(1) EHA= Equivalentes-Homens-Ano.

O algodão, que já foi uma das principais culturas empregadoras de mão-de-obra no Paraná até o início dos anos 90, demandou apenas 3,7% do total de EHA em 1999 e ocupou somente 49 mil hectares (0,6% da área total), perante os 116,8 mil hectares do ano anterior. A abertura indiscriminada para a

importação de fibras de países que subsidiam fortemente a sua produção devastou esta cultura no Estado e em outros estados brasileiros, como São Paulo, por exemplo. Além do algodão, outra cultura que sofreu os efeitos da importação de fibras foi o rami, que também era uma atividade tradicional no Paraná, praticamente, o único produtor nacional. Em 1999, as estimativas do IBGE captaram uma área de apenas 500 hectares cultivada com rami.

Das demais culturas, merecem destaque a batata, o café, a cana-de-açúcar o fumo e a mandioca. A batata, por ser atividade relativamente intensiva em mão-de-obra, teve participações de 2% e 0,5%, respectivamente, na demanda de mão-de-obra e na área cultivada.

O café, cultura que desempenhou papel fundamental na ocupação do Estado do Paraná, também já foi muito mais importante na geração de emprego agrícola do que é atualmente. As famosas (e desastrosas) geadas³⁶ de 1975 e 1977 e, mais recentemente, a crise do início dos anos 90, com queda nos preços de comercialização, problemas climáticos e fitopatológicos, fizeram com que houvesse grande erradicação de cafezais, com drástica redução da área cultivada.

A partir de 1995, com a melhora dos preços de comercialização, a cultura do café começou a recuperar-se em praticamente todos os estados produtores, mostrando até uma reversão na tendência de redução da área cultivada. Desde então, há o replantio de cafezais, merecendo destaque o plantio de café adensado, que é muito exigente em mão-de-obra. No entanto, a expansão do plantio adensado nos anos 90 também está provocando uma forte mudança no sistema de produção de café em todo o país. As novas áreas plantadas com essa tecnologia, além de propiciarem grande aumento da produção física, são adequadas para a utilização das derriçadeiras a ar comprimido e também das novas colhedoras desenvolvidas para a mecanização da colheita, o que pode

³⁶ A erradicação dos cafezais, aliada à intensa modernização tecnológica da agropecuária paranaense, com a produção de grãos (feijão, milho, soja e trigo, principalmente), provocaram um grande êxodo rural no Paraná nos anos 70. Os dados dos Censos Agropecuários mostram que quase um milhão de pessoas deixaram as zonas rurais paranaenses nos anos 70, migrando ou para grandes centros urbanos ou para as novas regiões de fronteiras. Não somente a zona rural experimentou este despovoamento, mas também inúmeras pequenas cidades em todo o Estado, com importantes impactos para seu comércio e atividades econômicas locais.

ter impactos na redução da demanda de mão-de-obra no médio prazo. Em 1999, a cultura do café teve participação de 14,1% na demanda de mão-de-obra e de 1,7% na área cultivada.

A cultura da cana-de-açúcar, que demandou 9,4% do total de EHA em, aproximadamente, 400 mil hectares (5,1% do total da área cultivada) está concentrada no norte paranaense, constituindo-se numa expansão da produção paulista. Nessa região, também estão localizadas as agroindústrias de açúcar e álcool. Segundo informações de especialistas, há uma parte da área cultivada com cana que já está sendo colhida mecanicamente (colheita da cana crua).

O Paraná é o maior produtor de mandioca da região Centro-Sul brasileira, destacando-se na produção de farinha de alta qualidade e de fécula para a indústria de alimentos. Pelo fato de ser uma cultura pouco mecanizada, a mandioca ainda demanda muita mão-de-obra, principalmente na operação de colheita. Em 1999, teve participação de 10,5% na demanda de mão-de-obra, ficando atrás apenas do milho, café e feijão. A área total colhida com a cultura da mandioca foi de 172 mil hectares (ou 2,2% da área total cultivada com as principais culturas).

Apesar de ocupar apenas 0,5% da área total cultivada, a cultura do fumo demandou 9% do total de equivalentes-homens-ano (EHA), em 1999. Pelo fato de também não ser muito mecanizada, ainda é uma atividade demandadora de mão-de-obra para as operações de tratamentos culturais e colheita. O Paraná, ao lado do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, coloca-se entre os principais produtores nacionais, sendo grande no Estado a participação da produção familiar integrada à agroindústria do fumo.

Na atividade pecuária, o principal destaque é a bovinocultura de leite, que demandou 56% da mão-de-obra em 1999. Destaque-se que esta atividade vem sofrendo forte concorrência dos produtos argentino e uruguaio, desde a implantação do Mercosul, mas ainda tem muito peso devido ao fornecimento de matéria-prima para a indústria de alimentos (produção de derivados do leite) e pelo fato de propiciar uma renda mensal garantida para os agricultores. Somando-se as atividades de reforma de pastagem e bovinocultura de corte,

predominantemente extensiva, nota-se que a pecuária bovina responde por quase 90% da demanda de mão-de-obra.

Tabela 127
Demanda da Força de Trabalho Anual na Pecuária
Estado do Paraná
1998-99

Pecuária	EHA (1)		1999 (%)	Área/Produção/Rebanho	
	1998	1999		1998	1999
Total	120.135	119.945	100,0	-	-
Reforma de Pastagem(2)	23.112	23.112	19,3	457,7	457,7
Bovinocultura de Corte(3)	15.072	14.945	12,5	7.336	7.274
Bovinocultura de Leite(4)	67.633	67.227	56,0	1.931.956	1.920.364
Suinocultura(3)	11.295	11.464	9,6	4.066	4.127
Avicultura de Corte(3)	1.696	1.721	1,4	508.839	516.200
Avicultura de Postura(3)	1.327	1.476	1,2	5.117	5.691

Fonte: Fundação Seade.

(1) EHA= Equivalentes-Homens-Ano.

(2) Área em mil hectares.

(3) Rebanho em mil cabeças.

(4) Produção em mil litros.

Outra atividade pecuária com destaque na ocupação de mão-de-obra é a suinocultura, que demandou quase 10% do total de EHA em 1999, valor relativamente próximo ao da bovinocultura de corte, apesar da significativa diferença do número de cabeças em cada rebanho.

A avicultura também é importante no Estado do Paraná, com predomínio da produção familiar integrada às grandes agroindústrias. No entanto, dado o maior grau de automação das granjas, ocupa bem menos mão-de-obra do que a suinocultura e bovinocultura (cerca de 1,5% no total, incluindo corte e postura), já que uma pessoa ocupada na avicultura pode cuidar de um lote muito grande de animais.

Regionalização do Estado do Paraná

A regionalização da agropecuária paranaense, confirmada pelos agentes entrevistados, constitui-se de três regiões: Região Grande Norte Paranaense, Região Paraná Antigo e Região Oeste-Sudoeste Paranaense. A regionalização adotada é determinada pelas diferenciações geradas no processo de ocupação do território do Estado e que, ainda hoje, se manifestam nas características das dinâmicas agropecuárias do Paraná.

Tabela 128
 Valor da Produção Animal e Vegetal
 Paraná
 1995

Em mil reais

Regiões e Mesorregiões	Valor da Produção		
	Animal	Vegetal	Total
<i>Região Grande Norte Paranaense</i>			
Noroeste Paranaense	269.929	251.538	521.467
Centro Ocidental Paranaense	52.464	336.544	389.008
Norte Central Paranaense	267.909	656.972	924.881
Norte Pioneiro Paranaense	123.385	329.722	453.107
<i>Região Oeste-Sudoeste Paranaense</i>			
Oeste Paranaense	465.972	682.495	1.148.467
Sudoeste Paranaense	279.203	284.105	563.308
<i>Região Paraná Antigo</i>			
Centro Oriental Paranaense	179.908	386.090	565.998
Centro Sul Paranaense	88.069	336.607	424.676
Sudeste Paranaense	50.849	252.404	303.253
Metropolitana de Curitiba	60.518	178.190	238.708
Total	1.838.207	3.694.656	5.532.863

Fonte: IBGE - Censo Agropecuário 1995/96.

A tabela mostra a distribuição do valor da produção animal e vegetal pelas dez mesorregiões do Paraná definidas pelo Censo Agropecuário de 1995-1996 e agrupadas segundo a regionalização da agropecuária adotada na pesquisa: Região Grande Norte Paranaense: Noroeste Paranaense, Centro Ocidental Paranaense, Norte Central Paranaense, Norte Pioneiro Paranaense; Região Oeste-Sudoeste Paranaense: Oeste Paranaense, Sudoeste Paranaense; Região Paraná Antigo: Centro-Sul Paranaense, Sudeste Paranaense, Centro Oriental Paranaense e Metropolitana de Curitiba.

Estudos de Mercado de Trabalho como Subsídios para a Reforma da Educação Profissional

Mapa 7

Regionalização da Agropecuária

Estado da Paraná

2000



Fonte: FSeade 2000.

Região Grande Norte Paranaense

A região Grande Norte Paranaense é composta pelas mesorregiões Noroeste Paranaense, Centro Ocidental Paranaense, Norte Central Paranaense e Norte Pioneiro Paranaense. Região polarizada pelos municípios de Londrina e Maringá, sofreu forte influência da atividade cafeeira no processo de sua constituição econômica.

Historicamente ocupada por populações de paulistas, mineiros e nordestinos, para ali atraídos pelas oportunidades geradas pelo café e pelo algodão, a região responde por 43,1% do valor da produção vegetal total do Paraná e participa com 38,8% no valor da produção animal total do Estado.

Importante ressaltar também a atuação de empresas imobiliárias de origem inglesa, que estabeleceram projetos de colonização planejada na região, implantando núcleos urbanos e colônias de pequenos e médios proprietários.

Além da colonização inglesa, que visava igualmente a exploração do algodão, e foi responsável pela localização na região de indústrias têxteis, núcleos de colonos japoneses introduziram a criação do bicho-da-seda e a sericicultura, atividade até hoje significativa.

A predominância da cultura do café, no entanto, manteve a estrutura fundiária bastante concentrada, assinalando-se uma relativa democratização da posse através de formas como parceria e arrendamento, que foram comuns na região, ao lado do uso de mão-de-obra rural assalariada.

A crise do complexo rural cafeeiro acabou determinando a industrialização inicial da região com base em diversas atividades manufatureiras que, até então, internas às propriedades cafeeiras, passaram a atuar autonomamente em cidades da região, como Londrina e Maringá.

A decadência do café abriu espaço para a expansão de culturas como a soja, o trigo, para a pecuária, para a cana-de-açúcar, o milho, o feijão, ao passo que a agricultura patronal cafeeira dirigiu-se o algodão, soja, trigo e cana, com alto uso de insumos e máquinas, cabendo para a agricultura familiar, originada dos arrendatários do café, a produção de soja, milho e a

bovinocultura de leite, com baixo uso de insumos e máquinas – quadro este que ampliou os contingentes de assalariados temporários – bóias-frias.

Hoje a região vive um processo de grave diminuição da demanda de emprego agrícola em função da mecanização do plantio e da colheita da cana-de-açúcar, da grande redução na área plantada da cultura do algodão e da área plantada de café com plantio e colheita tradicional, aliada à redução no plantio do milho. A cafeicultura passou, recentemente, a retomar seu espaço na região, mas reformulada tecnologicamente a partir de novas variedades adaptadas ao plantio adensado e à colheita mecanizada, pouco contribuindo para a reversão da tendência de queda no emprego agrícola. Devido aos fatores supramencionados, vários municípios tiveram perda absoluta de população.

Expandiu-se, segundo dados do Iapar - Área de Socioeconomia, a área plantada com a cultura da cana-de-açúcar no Estado, que passou de 57.990 ha em 1980, para 159.417 ha em 1990 e 329.000 ha em 1999 – cultura esta, vale notar, localizada apenas na Região Grande Norte Paranaense.

A Região Grande Norte Paranaense pode ser dividida em três sub-regiões: Noroeste, Norte Central e Norte Pioneiro.

A sub-região Noroeste, que compreende a mesorregião Noroeste Paranaense, particulariza-se pela formação de solos originados de arenito, estrutura fundiária bastante concentrada, maior predomínio de pastagens plantadas com pecuária de corte extensiva, e baixo índice de modernização. Milho e feijão, são culturas significativas, mas o destaque na região – tanto pela produção como pela localização da agroindústria de farinha e fécula – cabe a mandioca. Ganhou também importância na região a cultura da cana-de-açúcar e a citricultura.

A sub-região Noroeste participa com 6,8% do valor bruto da produção vegetal no total do valor da produção vegetal do Estado e com 14,7% do valor bruto da produção animal do Paraná.

A sub-região Norte Central compreende as mesorregiões Centro Norte Paranaense e Centro Ocidental Paranaense e caracteriza-se por solos originados do derramamento basáltico, com o predomínio de lavouras

temporárias, principalmente soja, milho, trigo, elevadas produtividades e alto uso de insumos e mecanização.

Em conjunto com a Região Oeste-Sudoeste Paranaense (sub-região Oeste), é a região prioritária para o Programa Estadual de Microbacias Hidrográficas (prioridade 1), trabalho que envolve controle da erosão, adoção do plantio direto e manejo integrado de pragas e doenças.

A sub-região Norte Central conta com uma estrutura agroindustrial e infraestrutura de suporte à atividade agrícola com forte presença de grandes cooperativas (Cocamar, Coamo e outras) e grandes empresas agroindustriais, ao lado de algumas agroindústrias de pequeno porte. Marcam presença na região as atividades agroindustriais de refinamento de óleo (com inter-relações com a indústria química), de farelo de soja, a indústria canavieira de açúcar e álcool, a indústria têxtil (com destaque para a sericicultura) e as de couros e calçados.

Novas atividades estão sendo desenvolvidas por agricultores empresariais, que buscam a diversificação como forma de compensar a perda de rentabilidade das culturas tradicionais como a soja. Em Rolândia, foi relatada a experiência de um produtor de soja, cuja atividade principal hoje consiste na criação, em moldes empresariais, com tecnologia estrangeira e grande escala, de peixes para abastecimento exclusivo de “pesque-pagues” do Paraná e de São Paulo.

A sub-região Norte Central participa com 27,5% no valor total da produção vegetal do Estado e com 17,4% no valor total da produção animal do Paraná.

A sub-região Norte Pioneiro corresponde à mesorregião Norte Pioneiro Paranaense adotada pelo Censo Agropecuário 1995-1996. É caracterizada por solos desgastados, de origem sedimentar, e pela maior presença de pecuária de corte, além da soja e da cana-de-açúcar. A sub-região Norte Pioneiro participa com apenas 6,7% no valor da produção animal total do Estado e com 8,8% no valor da produção vegetal do Paraná.

Região Oeste-Sudoeste Paranaense

A Região Oeste-Sudoeste Paranaense compreende as mesorregiões Oeste Paranaense e Sudoeste Paranaense definidas no Censo Agropecuário de

1995-1996. É caracterizada por solos férteis e planos de origem basáltica, pela alta concentração do efetivo de aves e suínos, e alta densidade de bovinos, com produtores, principalmente de soja e trigo, tecnificados e mecanizados e integrados à agroindústria do complexo carnes e fumageiras. Constitui a segunda bacia leiteira do Estado do Paraná. A região também conta com indústria calçadista e de vestuário.

A sub-região Oeste compreende a mesorregião Oeste Paranaense utilizada pela Fundação IBGE no Censo Agropecuário 1995-1996. É caracterizada pela presença de grandes propriedades tecnificadas e mecanizadas, médias propriedades familiares tecnificadas, mecanizadas e integradas a grandes grupos agroindustriais do complexo de carnes.

Constitui a região de ocupação da primeira leva de migrantes gaúchos, de etnia italiana e germânica, que ali se instalaram adquirindo propriedades com maiores áreas e terras mais férteis e planas que as de suas regiões de origem no Rio Grande do Sul.

A sub-região Sudoeste coincide com a mesorregião Sudoeste Paranaense, adotada pelo Censo Agropecuário de 1995-1996. Caracteriza-se pela predominância de pequenas propriedades tecnificadas e integradas, principalmente, à agroindústria de carnes, suínos e aves, e laticínios. É dotada de relevo mais acidentado, que não permite a mecanização intensiva do processo produtivo.

São importantes as culturas do milho, da soja, do feijão, além de atividades não-agrícolas, a exemplo do turismo rural que, explorando a especificidade cultural da região com festas típicas, tem impulsionado experiências artesanais de agregação de valor aos produtos do pequeno produtor.

A sub-região Sudoeste foi ocupada pela segunda leva da migração gaúcha que somou-se à população local de origem cabloca, constituindo-se na parcela mais pobre da população que migrou para a Região Oeste-Sudoeste paranaense. Esse movimento migratório foi estimulado pelas políticas federais de colonização dirigida, como a Colônia Agrícola Nacional General Osório – Congo, criada pelo governo Getúlio Vargas, por razões de proteção das fronteiras do país.

No final dos anos 50, ocorreram violentos conflitos pela posse da terra, envolvendo posseiros e grileiros com a Companhia Imobiliária Citla e que acabaram resultando na consolidação da pequena propriedade familiar no Sudoeste do Paraná.

Resultante de tal processo histórico, é forte na região a presença de organizações sindicais, entidades não-governamentais e movimentos sociais associados à agricultura familiar e à luta pela terra.

A suinocultura e a avicultura da sub-região Sudoeste têm sofrido um pesado ajuste nos anos 90, tornando o sistema de integração com as grandes agroindústrias do complexo de carnes muito mais seletivo e concentrado, através do aumento das exigências de escala mínima para a permanência na integração, o que significou a exclusão de muitos pequenos produtores da atividade.

Na agroindústria fumageira também ocorre um processo de redução da área plantada e de substituição do fumo de galpão pelo fumo de estufa, mais exigente em tecnologia e investimentos. As instalações da Phillip Morris no Distrito Industrial de Curitiba, por exemplo, foram adaptadas para abrigar a Lacta, adquirida pela Phillip Morris.

Na região também têm se instalado indústrias que buscam aproveitar o excedente de mão-de-obra da agricultura familiar, terceirizando sua produção e transferindo-a para áreas rurais, como ocorre com a indústria do vestuário.

Assinalam-se na região importantes experiências de ensino profissional, a exemplo das "Casas Familiares Rurais", que conta com a participação de uma ONG francesa e aplica no ensino de 5ª a 8ª séries curriculum e calendário especialmente adaptado às características da propriedade familiar.

A região Sudoeste Paranaense participa com 15,2% do valor da produção animal do estado e com 7,6% do valor da produção vegetal.

Região Paraná Antigo

A Região Paraná Antigo é formada pelas mesorregiões censitárias Centro Oriental Paranaense, Centro-Sul Paranaense, Sudeste Paranaense e Metropolitana de Curitiba. Caracteriza-se por solos de origem sedimentar e

regiões de serras e litoral. Predominam as pastagens, as culturas de milho e feijão, e lavouras permanentes, ao lado de significativas áreas de reflorestamentos, do café e da erva-mate. É a região com a maior concentração do efetivo de bovinos e a maior bacia leiteira do Paraná. É importante na Região Paraná Antigo a presença da indústria madeireira e da agroindústria de laticínios. Essa região do estado também concentra um número crescente de empreendimentos de lazer e turismo ecológico ou rural, impulsionados pela demanda de consumidores urbanos de alta renda.

A Região Paraná Antigo teve um desenvolvimento muito lento, e apesar de nela se localizar a capital do Estado e outros centros urbanos, existe uma agropecuária economicamente menos dinâmica e uma população rural detentora dos maiores índices de pobreza, analfabetismo e doenças. Com uma estrutura fundiária fortemente concentrada, apresenta uma estrutura dual: a par de latifúndios de pecuária extensiva, núcleos de minifúndios de agricultores familiares, pobres e pouco tecnificados.

A Região Paraná Antigo foi ocupada inicialmente por populações cablocas, índios, negros e portugueses. Posteriormente, muitos militares que participaram da Guerra do Contestado, na primeira década do século XX, receberam terras na região, também importante local de destino de imigrantes estrangeiros europeus mais pobres, como ucranianos e poloneses. É a região na qual vigorou o regime dos "faxinais", terras de uso comum. No entanto, foi também o principal palco das ações de grilagem que ocorreram no Estado, e perduram até hoje grandes problemas de regularização fundiária, o que acabou estabelecendo a predominância do latifúndio, concentrando atualmente os conflitos pela posse da terra.

A Região Paraná Antigo pode ser dividida em quatro sub-regiões: Centro Oriental Paranaense, Sudeste Paranaense, Centro-Sul Paranaense e Metropolitana de Curitiba.

A sub-região Centro Oriental Paranaense, polarizada por Ponta Grossa, é caracterizada por grandes propriedades ocupadas por reflorestamentos e pecuária extensiva com utilização de mão-de-obra assalariada, por elevados índices de pobreza da população rural, pela presença da indústria madeireira e de papel e celulose, e pela localização dos grandes laticínios do Estado.

A sub-região Centro Oriental Paranaense participa com 9,8% do valor da produção animal do Estado e com 10,4% do valor da produção vegetal paranaense.

A sub-região Sudeste Paranaense é caracterizada pelo relevo mais acidentado, pela concentração de comunidades de imigrantes europeus pobres, pela forte presença da indústria madeireira que utiliza mão-de-obra assalariada e por uma pequena agricultura de subsistência, desvinculada do meio urbano.

Importantes refinarias localizam-se na região de xisto (São Mateus do Sul) e de petróleo (Araucária).

A sub-região Sudeste Paranaense participa com apenas 2,8% do valor da produção animal do Estado e com 6,8% do valor da produção vegetal do Paraná.

A sub-região Centro Sul, polarizada por Guarapuava, caracteriza-se por uma pecuária mais extensiva, concentrando grande parte do efetivo de bovinos, suínos e aves do Estado, mas contribui com apenas 4,8% do valor da produção animal. Importante é a sua participação no valor da produção vegetal do Estado (9,0%), para tanto contribuindo os produtos florestais, lavouras temporárias e grãos como soja, trigo, milho e feijão.

A sub-região Metropolitana de Curitiba é caracterizada pelo ambiente da serra e do litoral, com uma pequena agricultura de subsistência. É a única mesorregião do Paraná onde as ocupações não-agrícolas superam as ocupações agrícolas na PEA residente no meio rural.

Também é a região que mais sofre a influência de atividades urbanas que começam a disputar o espaço rural para atividades não-agrícolas e urbanas, como por exemplo, hotéis-fazenda, pousadas e indústrias que se instalam no meio rural buscando reduzir tributos e exigências ambientais. A sub-região Metropolitana de Curitiba participa com 4,8% no total do valor da produção vegetal do estado e com 3,3% no total do valor da produção animal do Paraná.